



EDITORIAL

Os Museus são cada vez mais espaços de encontro entre pessoas. Prova disso é o percurso que temos feito: foi a Noite dos Museus... é o estarmos hoje de regresso para vos desejarmos Boas Festas e Feliz Ano Novo, sentindo que o projeto expositivo designado de **Coruche: o Céu, a Terra e os Homens** foi resultado de um forte trabalho de partilha com a comunidade. Trabalhámos juntos um património que é de todos, uma herança cultural coletiva, fruto de uma longa história que nos é mais ou menos próxima no tempo... todavia uma história tão antiga quanto o Homem. Focando os grandes períodos da nossa história, a exposição termina com um espaço de projeção sobre o futuro, centrado no montado de sobro, espaço de biodiversidade e de sustentabilidade.

Mas não só! Permite-nos estabelecer ligações com o Núcleo Tauromáquico de Coruche e com o futuro Núcleo Rural, em implementação no antigo edifício dos Bombeiros Municipais, numa abordagem que tem por base o calendário agrícola e as atividades festivas que nele se enquadram, sejam de cariz profano e/ou religioso.

Está igualmente visitável a Peça do Bimestre, disponível no novo espaço afeto às exposições temporárias, dedicada a uma imagem de roca, a qual assume características muito particulares no âmbito do culto doméstico a Nossa Senhora.

Tudo boas razões para nos visitar! Aguardamos por si.

CORUCHE: O CÉU, A TERRA E OS HOMENS

Inaugurou-se no passado dia 22 de novembro a nova exposição de longa duração. Foi seguramente um dia simbólico, uma vez que marcou uma nova etapa do Museu, ainda que não mais importante que todos os outros que o antecederam e que o construíram. A função social deste espaço não parou nos últimos 24 meses, nem pouco mais ou menos. De alguma forma fomos estando sempre juntos, num leque alargado de partilhas. Acima de tudo, demos, recebemos, aproximámo-nos!



Foi com base num percurso com mais de uma década de existência que o Museu Municipal se propôs a uma atualização e renovação do espaço expositivo, integrando, numa abordagem multidisciplinar, a investigação que tem vindo a ser feita. A mesma, abarcando múltiplas valências da realidade concelhia, permitiu retratar, com base no conceito de "sagrado", elementos vários que consubstanciam a memória coletiva desta comunidade.

A requalificação deste espaço, recorrendo a uma museografia dinâmica que privilegia a descoberta, faz-se ainda acompanhar do respetivo catálogo, que reúne textos de colaboradores locais e os de base científica, numa lógica temporal e dialética, em conformidade com o delineado na própria exposição. Disponível no nosso site em www.museu-coruche.org e na loja do Museu.

PEÇA DO BIMESTRE – IMAGEM DE ROCA

A peça deste bimestre, uma santa de roca, pertenceu a Joaquim Vidigal Pais, casado com Narcisa Conceição Durão Machado. O casal teve nove filhos, dos quais sete atingiram a idade adulta. A casa, então propriedade da família, localizava-se na Rua de São Francisco, na Erra, onde ainda hoje é conhecida como a casa dos Vidigal Pais.

A sua história reveste-se de acontecimentos que particularizam a relação entre sagrado e profano.

No início do século XX dois jovens da Erra pediram ao pai, Joaquim Vidigal Pais, que lhes oferecesse um potro. Ao constatarem que o seu desejo não seria atendido, os dois irmãos, Arnaldo e Pedro Vidigal Pais, cortaram uma das orelha desta

imagem de Nossa Senhora como represália pelo sucedido. Uma análise mais atenta torna visível a mutilação da peça, resultado de uma espécie de castigo infligido pelos dois rapazes, expressão clara do seu desagrado e culpabilização pelo seu infortúnio.

Dada a proveniência da peça, a casa de uma família da Erra, pode aventar-se que se tratará de uma Nossa Senhora do Vale. Todavia, se atualmente a imagem se apresenta sem qualquer atributo que lhe especifique a identidade, pode em tempos, segundo informação oral, ter sido acompanhada por um Menino Jesus, o que indicia poder tratar-se de uma imagem de Nossa Senhora do Castelo. Em todo o caso, a indefinição quanto à sua verdadeira identidade não subtrai à peça o seu carácter sagrado.



Casa da família Vidigal Pais, Erra | Joaquim Vidigal Pais, Arnaldo e Pedro Vidigal Pais | Santa de roca, século XVIII-XIX (?), propriedade de Margarida Vidigal Pais

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Para um bom e eficaz tratamento de conservação e restauro é necessária uma boa observação da peça, de modo a que se faça um diagnóstico preciso do seu estado. Só a partir desta cuidada análise podemos iniciar um tratamento onde não exista o risco de agravamento da mesma. A escolha dos materiais e métodos aplicados é muito importante. Por tal, para além da observação

acima referida é necessário fazer testes que permitam impedir danos irreversíveis. Devido a este último fator devemos usar sempre materiais reversíveis e compatíveis com o material original do objeto, por forma a não haver choques estruturais e existir sempre a possibilidade de anular o restauro efetuado, permitindo uma intervenção futura se necessária.



Conservação e restauro da escultura em madeira, Dulce Patarra e da indumentária, Eva Maria Armindo e Maria Cristina Oliveira

Contactos:
Morada: Rua Júlio Maria de Sousa, 2100-192 Coruche
Tel.: 243 610 820 **Fax:** 243 610 821
E-mail: museu.municipal@cm-coruche.pt
Página web: www.museu-coruche.org

Informações do Serviço Educativo:
Horário: 9h-13h/14h30m-17h30m
Marcação de visitas:
Tel.: 243 610 820/26
E-mail: helena.claro@cm-coruche.pt